



Quintais agroecológicos como espaços de formação de mulheres camponesas: a experiência do projeto “Mulheres de Fibra”

Agroecological backyards as training spaces for peasant women: the experience of the “Mulheres de Fibra”

DIORIO, Ana Paula I.¹; VELLOSO, Tatiana R.; ROCHA, Tatiana C.; SANTOS, Liz O

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, anapaula.diorio@ufrb.edu.br ¹

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Esse trabalho diz respeito a uma ação do projeto de extensão “Mulheres de Fibra: formação em agroecologia para mulheres rurais do estado da Bahia”, executado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e financiado pelo Ministério de Agricultura, Pesca e Abastecimento (MAPA), no período de 2017 a 2022. Uma das metas do projeto foi a implantação de quintais coletivos e agroecológicos, enquanto espaços de formação e fortalecimento dos grupos produtivos de mulheres camponesas e multiplicação de saberes nas comunidades. Houve abrangência em quatro Territórios de Identidade no estado da Bahia (Portal do Sertão, Recôncavo da Bahia, Vale do Jiquiriçá e Litoral Norte/Agreste Baiano), com envolvimento de dez municípios e cerca de quatrocentas mulheres de vinte e cinco comunidades em suas ações. Ao todo foram implantados quinze quintais coletivos com a orientação e formação de equipes interdisciplinares territoriais, com materiais e sementes agroecológicas adquiridas pelo projeto.

Palavras-chave: feminismo; agroecologia; extensão universitária.

Introdução

A luta das mulheres pelo reconhecimento do trabalho que desenvolvem no campo é histórica e compõe a pauta do Movimento de Mulheres Camponesas. Diante das opressões de gênero, classe e raça as organizações coletivas de mulheres no campo tem se mostrado como uma das formas de enfrentamento ao patriarcado, ao racismo, ao machismo e ao sexismo por meio dos quais opera o sistema capitalista.

Enquanto um fomentador de uma estrutura fundiária excludente pela concentração de terra e renda entre poucas famílias, o modelo de desenvolvimento capitalista tem pautado o campo através do agronegócio, acirrando a luta de classes e reforçando as opressões que a interseccionam, além de toda a destruição ambiental que tem causado com o avanço da monocultura e destruição da agrobiodiversidade.

Ao se organizarem por meio dos movimentos sociais, associações e grupos produtivos da agricultura familiar, as mulheres fazem os enfrentamentos ao sistema opressor seja por meio da produção e práticas agroecológicas e/ou a comercialização dos seus produtos numa outra lógica de mercado, como as feiras coletivas de mulheres. E por esses caminhos elas reforçam que a “libertação da mulher é obra da própria mulher, fruto da organização e da luta porque queremos continuar no campo, produzindo alimentos, preservando a vida, as espécies e a natureza, desenvolvendo experiências de um Projeto Popular para a agricultura...” (MMC, 2023).



E foi com a intenção de fortalecer esses grupos produtivos de mulheres que o projeto de extensão “Mulheres de Fibra: formação em agroecologia para mulheres rurais do estado da Bahia” foi desenvolvido com o objetivo de promover ações de formação em agroecologia para mulheres, para promoção do trabalho desenvolvido na agricultura familiar, em que os processos de transição agroecológica sejam uma forma de fortalecimento da autonomia das mulheres, através da geração de renda e de segurança alimentar e nutricional das famílias (DIÓRIO et al, 2018).

Executado por uma equipe de docentes e discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e egressos e profissionais selecionados, o projeto que foi financiado pelo MAPA teve quatro metas, sendo que nesse artigo o objetivo é apresentar a experiência da meta dois que foi a implantação de unidades demonstrativas de quintais agroecológicos em diversos biomas, que previa a construção de 12 quintais coletivos de aprendizagem nas comunidades beneficiárias do projeto.

As comunidades foram selecionadas a partir dos grupos de mulheres organizados ou em fase de organização, indicados pelas câmaras técnicas de mulheres dos colegiados territoriais do Recôncavo da Bahia, Vale do Jiquiriçá, Litoral Norte/Agreste Baiano e Portal do Sertão, que foram parceiros para ao longo do desenvolvimento de todo o projeto. Cada grupo foi composto por cerca de 20 a 25 mulheres de comunidades e municípios diferentes, perfazendo um total aproximado de cem mulheres camponesas por território, que tiveram acesso às formações em agroecologia e se envolveram nas oficinas de implantação dos quintais, entre outras atividades.

Metodologia

Pautado numa metodologia extensionista cuja perspectiva foi trabalhar horizontalmente a relação entre universidade e as comunidades e grupos de mulheres camponesas, todo o processo de formação atrelado à implantação dos quintais foi assentado na dialogicidade para promover uma ação-reflexão-ação (FREIRE, 2011). A Teoria da Dialogicidade de Freire é uma das principais referências dessa abordagem teórico-metodológico (FREIRE, 1995, p. 110).

Além disso, nos pautamos nos princípios da Educação em Agroecologia, a qual se vincula aos fundamentos da Educação do Campo e da Agroecologia (COSTA et al., 2020), atrelados à Educação Popular, sobretudo, na relação indissociável entre teoria e prática, a praxi educativa ou pedagógica que promovem.

Nosso percurso para as formações e implantação dos quintais foi orientado pela Agroecologia, entendida como um “enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento [...] adotando o agroecossistema como unidade de análise, apoiar a transição dos modelos convencionais de agricultura e de desenvolvimento rural para estilos de agricultura e de desenvolvimento rural sustentáveis” (ABA, 2005, p3).

Nesse sentido, para o cumprimento da meta dois de implantação de unidades demonstrativas de quintais agroecológicos em diversos biomas, preferimos executá-la junto da meta quatro de realização de atividades de formação/capacitação sobre feminismo e agroecologia para mulheres rurais. E, pautadas na práxi educativa feminista (HOOKS, 2013) na Agroecologia, da Educação do Campo e Popular fizemos as formações a partir do documentário “Sementes” e de rodas de discussão da importância da organização coletiva de mulheres para fortalecimento da produção e comercialização de seus produtos e da própria Agroecologia enquanto forma de enfrentamento do machismo e do sexismo no campo. Nessas rodas, as mulheres fizeram relatos de suas histórias de vida e dos desafios que eram impostos numa sociedade que trata homens e mulheres de maneira desigual,



inclusive, muitas confessaram as dificuldades enfrentadas para estar ali naquele espaço e participando do projeto.

Trabalhamos a partir da centralidade da experiência vivida no bojo das relações sociais de gênero, raça, etnia, classe e as dimensões da sexualidade, geração e territorialidades com foco nos sujeitos do campo, nesse caso nas mulheres camponesas, e nos seus modos de vida e trabalho (DIÓRIO, 2019). E os quintais foram implantados a partir das práticas agroecológicas discutidas coletivamente, visto que a escolha do local, o tipo de quintal e as culturas que seriam cultivadas foram de cada grupo. Após as reuniões para essas definições, os materiais e as sementes foram adquiridos pelo projeto e demos início aos mutirões de implantação em cada comunidade.

Na maioria das comunidades as equipes iam durante o dia e pernoitavam. As equipes responsáveis pelas implantações dos quintais eram mistas, com homens e mulheres mediadores das ações e dos conhecimentos, sendo as mulheres das comunidades as principais responsáveis pelas tomadas de decisões. Por meio da dialogicidade reforçamos que a centralidade das ações estava nelas, indicando como seria a implantação, discorrendo as técnicas que elas usavam e aprimorando-as no diálogo com os formadores que também aprendiam nesse processo, confrontavam os diferentes saberes sem que um fosse menos importante do que o outro. Nas comunidades que foi manifestado o desejo de construir um minhocário (fig 5 e 6) enquanto prática agroecológica de formação, ele foi atendido e eles ficaram como mais um resultado atrelado ao quintal.

De forma coletiva e dialogada os quintais foram construídos, com desenvolvimento de sistemas de irrigação, construção de galinheiros, mandalas a depender do tipo de quintal e das escolhas dos grupos de mulheres. E nesse movimento de ação-reflexão-ação, os quintais tornaram-se espaços cujas práticas agroecológicas foram reforçadas enquanto ferramenta para a produção de comida saudável, enquanto luta das mulheres pelo direito ao trabalho digno no campo, por relações com equidade de gênero, raça e classe e por outra forma associativa de organização da produção e comercialização dos seus produtos.

Resultados e Discussão

Na meta de implantação de quintais estavam previstas 12 unidades demonstrativas como espaços de aprendizagem coletiva de práticas agroecológicas, uma em cada comunidade atendida pelo projeto. Porém, como nos grupos de mulheres havia integrantes oriundos de comunidades diferentes (Quadro 1), que ficavam distantes de onde o quintal seria implantado em algumas localidades, conseguimos dividir os materiais e implantamos 15 quintais ao todo.

Dentre as comunidades listadas (Quadro 1), quatro são quilombolas* e também consideramos suas características, cultura e ancestralidade na implantação. Na comunidade quilombola da Matinha, foi implantado um Sistema Agroflorestal (SAF) com uma área de hortaliças e banco de plantas medicinais com grande participação das mulheres que construíram de forma participativa conhecimentos pertinentes sobre agroecologia, feminismo, segurança alimentar e nutricional, plantas medicinais e a importância de discutir sobre identidade quilombola, cultura camponesa e a inserção de jovens nas atividades. Em Lagoa Cedro, a comunidade escolheu fazer hortas em canteiros econômicos, enquanto na Sapucaia, na Vila Guaxinim e na Baixa da Linha também foram implantados SAFs.



Quadro 1: Comunidades e grupos de mulheres beneficiadas pelo projeto Mulheres de Fibras

Território	Município	Comunidade/grupo
Portal do Sertão	Feira de Santana	Matinha*
	Antônio Cardoso	Paus Altos*/Sete Damas
Recôncavo da Bahia	Cruz das Almas	Baixa da Linha*, Lagoa do Cedro, Vila Guaxinim*
	Santo Antonio de Jesus	Sapucaia
	São Felipe	Bom Gosto
Litoral Norte	Catu	Riachão Pereira, Flechas, Rio Negro e Panelas
	Alagoinhas	Pindobal e Rio Branco
Vale do Jiquiriçá	Laje	Mulheres na Luta do Km 17
	Mutuípe	Riacho da Cruz/Mulheres Guerreiras
	São Miguel das Matas	Moenda Seca/Vida Digna
	Maracás	Candeal, Pindobeira, Covas, Gavião, Cachoeirinha, Assentamento Cumbe, Boa Vista, Xamdu e Camulengue

Fonte: Dados das autoras (2023).

Na comunidade quilombola de Paus Altos, no município de Antônio Cardoso, foi desenvolvida a Produção Agroecológica Integrada Sustentável (PAIS) com as culturas batata doce, palma, tomate, rúcula, couve, cebolinha, hortelã e um galinheiro de 5m de circunferência (Figuras 1 e 2)



Figuras 1 e 2: Implantação de PAIS na comunidade quilombola de Paus Altos, em Antônio Cardoso, 2020

Além das implantações dos quintais escolhidos pelos grupos de mulheres de acordo com as demandas locais e condições ambientais, outras ações também foram desenvolvidas ao longo da formação, como os minhocários construídos em duas comunidades, conforme as Figuras 5 e 6.

As casas de sementes foram fomentadas ou reforçadas naquelas comunidades que já possuíam essa tradição. No município de Maracás, o SAF foi implantado na sede num espaço cedido pela Prefeitura Municipal e outro na comunidade do Candeal que já possuía uma casa de sementes consolidada e reconhecida no território do Vale do Jiquiriçá (conforme Figura 3).

Em Mutuípe, o quintal para cultivo de hortaliças e plantas de ciclos curtos foi implantado na comunidade Riacho da Cruz, num espaço coletivo cuja manutenção ficou sob a responsabilidade do grupo produtivo Mulheres Guerreiras. Em São Miguel das Matas,



também foram implantados dois quintais, os canteiros econômicos na Moenda Seca e na comunidade da Areia Fina, conforme Figura 4.



Figura 3: Casa de sementes de Candeal, em Maraçás, 2020



Figura 4: Quintal coletivo em Moenda Seca, em São Miguel das Matas, 2020



Figuras 5 e 6: Construção de minhocário, Comunidade Riacho da Cruz, Mutuípe, 2019

Nas comunidades do Litoral Norte/Agreste Baiano de Rio Branco e Pindobal, no município de Alagoinhas, foram implantados SAFs, sendo que na primeira também foi desenvolvido um minhocário que ficou sob responsabilidade da comunidade para manutenção e produção de húmus para o quintal.

Conclusões

A partir das formações e implantação dos quintais nas comunidades observamos as dificuldades e potencialidades do trabalho coletivo de mulheres. A organização dos grupos da agricultura familiar enfrenta desafios impostos pelo machismo, o sexismo e o racismo quando se trata de trabalho no campo, opressões que promovem o apagamento do protagonismo das mulheres camponesas e de seus conhecimentos acerca das práticas agroecológicas, da comercialização de seus produtos e do acesso às políticas públicas. Porém, mesmo enquanto uma ação pontual, projetos de extensão como o “Mulheres de Fibras” tem o potencial da formação dialógica, a qual contribuiu para o fortalecimento dos grupos, multiplicação dos saberes e práticas agroecológicas nas comunidades e o incremento na produção e comercialização dos produtos por meio dos quintais implantados. Além disso, é uma maneira de fomentar o debate da questão de gênero nas comunidades



camponesas, como também de propiciar a formação para a comunidade acadêmica na relação com extensão universitária com a pesquisa e o ensino articulados com políticas afirmativas de construção de conhecimentos implicados com o desenvolvimento rural.

Agradecimentos

Ao Ministério da Agricultura, Pesca e Abastecimento (MAPA) pelo financiamento do projeto. À Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFRB pelo apoio na execução. Aos Colegiados Territoriais e ao Serviço de Apoio à Agricultura Familiar (SETAF), e às mulheres camponesas que são nossas inspirações e exemplos de promoção da segurança alimentar e nutricional no estado da Bahia.

Referências bibliográficas

COSTA, F. V. RAMOS, J.L.C. VIEIRA, D.D. Produção científica e princípios da Educação em Agroecologia. **Desenvolv. e Meio Ambiente**. Vol. 55, p. 538-555, dez. 2020.

DIÓRIO, A.P.I. Estilhaçando a máscara do silêncio: feminismo negro como a voz que grita novas epistemologias do conhecimento. **Anais do XX Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero**, 2019.

DIÓRIO, A. P.I. VELLOSO, T.R. ROCHA, T.R. OLIVEIRA, L. Mulheres de fibra: formação em agroecologia para mulheres rurais do estado da Bahia. In: **Congresso Brasileiro de Agroecologia**, 10, 2018, Brasília. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF (Cadernos de Agroecologia, v. 13, N° 1, Jul. 2018).

FREIRE, P. **À sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D' Água, 1995.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 5ed. 2011.

HOOKS, Bell; A teoria como prática libertadora. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESES (MMC). **Conheça a história do Movimento de Mulheres Camponesas**. Disponível em: <https://mmcbrasil.org/historia/>. Acesso em: 05 jul. 2023.